

A GENTRIFICAÇÃO DO QUEER E AS INTENSIFICAÇÕES DO BIPODER

Denise **Portinari** – PUC-Rio

Resumo

Ao longo dos últimos anos, muito se tem discutido sobre a gentrificação de espaços urbanos LGBT. Diversos trabalhos apontam o desaparecimento de pontos de encontro gays e lésbicos e a gradual dissolução das comunidades físicas LGBT que se formaram na segunda metade do século XX. Todavia, agora parece que a gentrificação tornou-se um processo cujo escopo ultrapassa a territorialidade dos espaços urbanos, exercendo os seus efeitos normatizadores sobre os espaços não-cartografados das subjetividades, dos corpos, do erotismo e dos afetos queer. As recentes publicações que anunciam “o fim da homossexualidade” e “o fim do gay” apontam para uma leitura possível deste novo estado de coisas: a integração do queer em um horizonte cada vez mais expandido de “normalidades”, reforçada pelos recentes desenvolvimentos nas ações políticas LGBT, com sua ênfase cada vez maior sobre os direitos ao casamento e a parentalidade. Este trabalho propõe uma análise desta “gentrificação do queer” como uma forma contemporânea daquilo que Foucault denominou “as intensificações do poder”, através de um exame de recentes acontecimentos e publicações sobre questões e práticas LGBT no Brasil e no exterior.

Palavras-chave: Queer, gentrificação, biopoder

A GENTRIFICAÇÃO DO QUEER E AS INTENSIFICAÇÕES DO BIPODER

Introdução

Como diz Zizek, “em nossos tempos politicamente corretos, é sempre aconselhável começar pelo conjunto de proibições não escritas que definem as posições que podemos adotar. (ZIZEK, 2003, p.5) Portanto, começaremos pelo problema da escolha dos termos relativos ao assunto em pauta.

Homossexual, homoerótico, gay, lésbica, queer. O que há em um nome? O espaço histórico, político e social de conotações que se estendem a partir desses termos é tão

minado que hoje o ato de escrever sobre isso torna-se cada vez mais complexo, pela quantidade de nuances e de implicações que devem ser levadas em conta.

Na esteira dos estudos críticos e desconstrucionistas das décadas precedentes, ficou-nos hoje a noção clara do caráter histórico e ideológico das palavras e dos jogos de poder que elas arrastam consigo. Essa noção é invocada para sustentar a produção de toda uma rede complexa de novas regras em torno daquilo que pode ou não pode ser dito e do que convêm, ou não, dizer. Movimento necessário em um mundo que cada vez menos pode prescindir de formas de convívio entre as diferenças que o constituem, ou forma ideológica de controle característica do capitalismo tardio, traduzido no “politicamente correto”, ou ambas as opções acima, o fato é que as palavras parecem ter perdido de vez a inocência, que, efetivamente, nunca tiveram. Todavia, é difícil avaliar em que medida essa nossa recente vigilância não acaba por criar um novo espectro, a língua expurgada, “gentrificada”, neutra e bem-pensante, destituída de ambigüidades, asperezas e memórias.

Seja como for, temos que o termo “homossexualidade” foi colocado na lista de expressões ofensivas da GLAAD em 2006.¹ Mais recentemente, a sessão de “Fashion and Style” do New York Times publicou um artigo decretando a sua extinção (PETERS, NY Times, 2014) . Nesse artigo, aprendemos que um professor de antropologia da American University proibiu a utilização do termo em sua sala de aula. A expressão correta, diz o professor, é *gay* ou *lésbica*. A razão dada é que “homossexual” é um termo carregado de conotações medicalizantes, excludentes e pejorativas. Outra razão, um pouco mais estranha, é oferecida pelo professor de lingüística e ciência cognitiva da Universidade da Califórnia, George P. Lakoff:

o termo contém as expressões “homo” – uma velha forma de insulto – e “sexual”, o que sugere que as pessoas assim indicadas seriam definidas principalmente em função de sua sexualidade; portanto, o termo ativaria no cérebro das pessoas imagens ligadas ao ato sexual praticado entre indivíduos do mesmo sexo, despertando reações de homofobia. (In PETERS, New York Times, 21/03/2014)

Todavia, muitos ainda resistem à extinção do termo, como o articulista J. Bryan Lowder, , que escreveu, em sua réplica ao artigo do New York Times, que embora o termo realmente carregue ressonâncias clínicas e soe um tanto datado, as alternativas também são problemáticas (LOWDER, Slate, 24/03/2014). “Gay” e “lésbica” são de

¹ (GLAAD – Gay and Lesbian Alliance Against Defamation -Media Reference Guide – Offensive Terms to Avoid. Em <https://www.glaad.org/reference/offensive>)

certa forma mais restritivos em seu alcance, na medida em que evocam uma forma identitária forjada no seio das comunidades e dos movimentos LGBT em grandes centros urbanos dos países desenvolvidos, nas décadas entre 60 e 70. Esses termos, segundo ele, “tem muito mais a ver com uma constelação histórica e geográfica específica de escolhas estéticas, estilos artísticos e modos de relacionamento” do que com uma prática sexual e afetiva e, nesse sentido, “hoje em dia existem menos gays do que homossexuais”.

Alem disso, Lowder faz objeção à dessexualização que, segundo o Prof. Lakoff, seria uma das vantagens dos termos “gay” e “lésbica”:

One of my main struggles as a homosexual has been challenging the tendency of many straight people to treat my partner and me as “roommates” or “good friends,” when, in fact, we have sex. Gay sex. Regularly. If *homosexual* can help remind them of that important, definitional, politically crucial fact with less effort on my part, I say it’s a plus, not a minus. (IBID, Slate, 24/03/2014)²

O termo *queer*, por sua vez, remete a um campo de significações ainda mais específico, em função de sua apropriação pelas teorias ligadas aos estudos culturais e de gênero, desenvolvidos principalmente nas universidades norte-americanas nas últimas três décadas. Escolhido justamente por evocar a estranheza, a singularidade, a diferença e a fluidez das práticas e formas de subjetivação afetivas, estéticas e sexuais em oposição à rigidez da normatização e das configurações identitárias, o termo *queer* representa uma forma de resistência e uma proposta de alternativas estéticas e existenciais. Todavia, permanece muito estreitamente vinculado a um determinado universo intelectual, geográfico e político.

Toda essa polêmica não é alheia aos interesses do presente artigo, que propõe pensar os caminhos e os destinos atuais disso que um dia foi chamado de “homossexualidade”, e sobre as forças que atuam nas novas configurações dos territórios que ela um dia demarcou. Esses caminhos passaram – e passam ainda – pela formação de comunidades, pela organização de grupos representativos e de movimentos de

² Dentre as minhas lutas como homossexual, uma das mais constantes tem sido a de confrontar a tendência de muitas pessoas hetero a tratar-nos, a mim e ao meu parceiro, como “bons amigos” ou “colegas que dividem o mesmo teto”, quando, de fato, nós fazemos sexo. Sexo gay. Regularmente. Se *homossexual* pode ajudá-los a lembrar, com menos dispêndio da minha parte, desse fato crucial, definidor e político, eu digo que é um ganho, e não uma redução. (IBID, Slate, 24/03/2014) Tradução livre.

reivindicação de direitos civis, pela modificação de atitudes e de costumes, pela catástrofe da Aids, por uma dança complicada de conquistas e retrocessos políticos, pela globalização ideológica e econômica do mundo, pelo advento da sociedade informatizada e conectada em rede, pelo pós-estruturalismo e suas ramificações na teoria *queer*, pelas lutas de poder que se travam em torno do “politicamente correto” e pelo mal-estar cada vez mais denso que assola o mundo contemporâneo.

Desde a sua invenção pelos discursos e práticas médicas, educacionais e jurídicas no século XIX, a noção da homossexualidade tomada como forma de subjetividade e o personagem em torno do qual ela se organiza, o “homossexual”, estão inextricavelmente ligados aos movimentos, às trajetórias e às forças que configuram os centros urbanos modernos, sinônimos da modernidade em que ela se formou. Nesse sentido, ousamos propor aqui a noção da “gentrificação” como indicação de uma das forças que atuam hoje tanto configuração dos espaços urbanos quanto na produção de discursos e na atualização das engrenagens do dispositivo da sexualidade tal como formulado por Foucault em *A Vontade de Saber*. (FOUCAULT, 1984)

Formas da Gentrificação

Em um livro publicado em 2005, intitulado *The New Gay Teenager*, o psicólogo social Ritch C. Sevlon-Williams relata os resultados de suas pesquisas com jovens norte-americanos ‘atraídos pelo mesmo sexo’, e propõe a tese de que a homossexualidade estaria passando por uma “mudança de paradigma”. Essa mudança seria caracterizada por uma “erosão” da noção tradicional de homossexualidade como forma identitária e por alterações significativas na experiência homossexual dos jovens. Para o autor, o “novo adolescente gay” é, sob muitos aspectos, o adolescente “não-gay”: “para estes jovens, ser rotulado como gay ou mesmo ser gay importa pouco. Eles tem desejos e atrações pelo mesmo sexo mas, diferentemente das gerações precedentes, os novos adolescentes gays tem muito menos interesse em nomear estes sentimentos e comportamentos.” (SEVLON-WILLIAMS, 2005, p.5)

Essa atitude é saudada pelo autor como uma “resistência aos rótulos e categorizações”, e está associada, segundo ele, à vontade manifesta de “ser como os outros” e de “ser

apenas normal”. O desejo ou atração por pessoas do mesmo sexo não seria vivido por esses jovens como uma experiência “perturbadora” ou “problemática”, e sim como parte do desenvolvimento “normal” de suas vidas amorosas/sexuais.

The majority of young people of both sexes with same-sex desire resist and refuse to identify as gay. We know little about them because they usually opt out of research, educational programs, and support groups. Their desire is not to stand out “like a semen stain on a blue dress,” but to be as boring as the next person, to buy an SUV and to fade into the fabric of American life. (IBID, p.157)³

Assim, segundo ele, estamos vivendo uma era em que “a diversidade sexual está se normalizando” e “a fronteira entre gays e heteros está se dissolvendo”. (IBID, p. 188)

É uma estranha e perturbadora relação essa que se estabelece aí entre a dissolução das categorias e o desejo da normalidade – ou a normatização do desejo. Semelhante dissolução não se apresenta, ou não se reconhece, como o efeito sonhado de um movimento de crítica e de libertação – embora certamente se ancore em movimentos históricos, políticos e sociais desse tipo – ao contrário, a julgar pelo discurso do “novo adolescente gay” na leitura de Sevlon-Williams, ela vem no bojo de um processo complexo e insidioso de homogeneização das diferenças, ao qual podemos dar o nome de *gentrificação*.

A palavra “gentrificação”, forma aportuguesada do inglês *gentrification*, vem ganhando lugar em nosso vocabulário, como prova a sua recente inclusão em nossos dicionários. Segundo o Aulete, *gentrificação* é o “processo de recuperação do valor imobiliário e de revitalização da região central da cidade após período de degradação”, ou ainda, o “enobrecimento de locais anteriormente populares”, ao que o dicionário acrescenta a advertência, entre parênteses, de que se trata de um “processo criticado por especialistas em planejamento urbano e urbanismo”.

O termo “gentrification” foi cunhado em 1964 pela socióloga britânica Ruth Glass para referir-se criticamente às alterações sociais e econômicas observadas nas áreas londrinas de Notting Hill e Islington em decorrência da invasão e ocupação desses espaços proletários pela classe média londrina, resultando na migração e dispersão dos

³ A maioria dos jovens de ambos os sexos com desejo por pessoas do mesmo sexo resiste e recusa-se a identificar-se como gay. Sabemos pouco a respeito deles por que em geral eles optam por não participar de pesquisas, programas educacionais e grupos de apoio. Eles não desejam destacar-se como “uma mancha de sêmen em um vestido azul”, e sim ser tão tedioso quanto qualquer outro, comprar um utilitário, e desvanecer na trama do american way of life. (IBID, p.157) Tradução livre.

antigos ocupantes para outras áreas, em geral na periferia da cidade.

Inicialmente, em sua acepção urbanística, o escopo de uso do termo tendia a focalizar o mercado residencial e a reabilitação ou recuperação de imóveis dilapidados. Mais recentemente, sofreu nova inflexão, passando a designar uma nova forma de política urbana neo-liberal.

Os estudos e pesquisas acadêmicas sobre a gentrificação proliferam há quarenta anos, desenvolvendo-se em torno de duas posições fundamentais: uma que procura estudar o processo do ponto-de-vista do consumidor, enfatizando suas motivações para o deslocamento e entendendo o processo do ponto de vista sócio-cultural. A segunda, cuja principal referencia é o artigo seminal de Smith argumenta que “a gentrificação é um processo de deslocamento de capital, e não de pessoas”, focalizando as condições políticas e econômicas que o possibilitam, promovem e sustentam. (SMITH, 1979)

A primeira posição tende ainda a sublinhar os aspectos “reabilitadores” da gentrificação, chegando a propor a substituição desse termo “carregado” por outros mais positivos, como “recuperação” ou “renovação”. A segunda configura-se como uma posição fundamentalmente crítica, sublinhando a necessidade de levar em conta os aspectos destrutivos do processo, como a dispersão e o desvanecimento de culturas e modos de vida, a expulsão dos antigos ocupantes, a perda de patrimônio material e imaterial da cidade e a criação de novos focos de empobrecimento.

Após um breve lapso durante a década de 90, a problemática da gentrificação foi retomado com um recrudescimento de interesse na virada do século XXI, acrescido de novas indagações. Assim, nos países em que a população LGBT tendeu a organizar-se espacialmente em comunidades relativamente bem delimitadas, surgiu mais recentemente a noção da “gentrificação gay”.

A idéia implícita nessa expressão já havia sido formulada na década de 80 pelo sociólogo Manuel Castells, ao propor que os gays teriam atuado como “gentrificadores” em determinadas áreas da cidade de San Francisco:

They [gay people] have paid for their identity, and in doing so have most certainly gentrified their areas. They have also survived and learnt to live their real life. At the same time, they have revived the colours of the painted facades, repaired the shaken foundations of the buildings, lit up the tempo of the street and helped to make the city beautiful and alive, all in an age that has been grim for most

of urban America. (CASTELLS, 1983, p.161)⁴

O fenômeno da “gentrificação gay” foi discutido em diversas instâncias, chegando a ser defendido como uma estratégia eficaz de planejamento e renovação urbana pelo urbanista norte-americano Richard Florida, professor e diretor do Martin Institute for Prosperity na Escola Rotman de Administração da Universidade de Toronto. Florida tornou-se conhecido pela sua noção de “classe criativa” e suas implicações para a reabilitação urbana.

A tese de Florida, apresentada em best-sellers como *The Rise of Cities and the Creative Class*, afirma que as regiões metropolitanas densamente povoadas por residentes profissionais liberais, artistas, lésbicas, gays, e “high bohemians” – que constituem o que ele chama de “classe criativa” - tendem a apresentar níveis mais altos de desenvolvimento social e econômico. (FLORIDA, 2005) Segundo ele, essa “classe criativa” incentiva a criação de um ambiente pessoal e profissional mais aberto e dinâmico, o que por sua vez atrairia mais pessoas criativas, além de negócios e de capital. Ele propõe que o desenvolvimento de estratégias para atrair e reter essa população é uma forma mais eficaz de promover a renovação e a prosperidade urbana do que projetos como a construção de condomínios de luxo e shopping centers. Florida chega a propor um sistema de classificação dos centros urbanos baseado no “índice boêmio, no “índice gay”, e no “índice da diversidade”, entre outros critérios.

Na contramão de perspectivas “desenvolvimentistas” como a de Florida, encontramos muitos relatos da transformação e da dissolução de comunidades gays em função de processos da gentrificação dos territórios queer constituídos nas décadas de 60 e 70. Esse processo, segundo a autora e ativista lésbica Sarah Schulman, não se limita à reconfiguração territorial dos centros urbanos.

Em *The gentrification of the mind – witness to a lost imagination*, Schulman, a partir de suas vivências profundamente enraizadas na cultura LGBT nova-iorquina, estende o uso do termo para além do sentido urbanístico mais restrito, utilizando-o para falar de uma gentrificação *do espírito*. (SCHULMAN, 2012) Trata-se, segundo ela, de um

⁴ Eles (os gays) pagaram pela sua identidade, e ao fazê-lo, certamente gentrificaram as áreas em que vivem. Eles também sobreviveram e aprenderam a viver as suas verdadeiras vidas. Ao mesmo tempo, eles reavivaram as cores das fachadas, consertaram as fundações abaladas dos prédios, acenderam o ritmo das ruas e ajudaram a tornar a cidade mais viva e mais bela, isso tudo em uma época sombria para a maior parte da América urbana. (CASTELLS, 1983, p.161) Tradução livre.

processo que *homogeneiza* a complexidade, a diferença e a ação transformadora, instalando em seu lugar a mesmice (*sameness*), a institucionalização da cultura, a contenção e a ausência de demanda em relação aos poderes constituídos. Esse processo, para Schulman, tem uma relação orgânica com a gentrificação “literal”, o processo urbano de substituição (*replacement*) :

To me, the literal experience of gentrification is a concrete replacement process. Physically it is an urban phenomena: the removal of communities of diverse classes, ethnicities, races, sexualities, languages, and points of view from the central neighborhoods of cities, and their replacement by more homogenized groups. With this comes the destruction of culture and relationship, and this destruction has profound consequences for the future lives of cities.

But in the case of my particular question, while literal gentrification was very important to what I was observing, there was also a spiritual gentrification that was affecting people Who did not have rights, Who were not represented, Who did not have power or even consciousness about the reality of their own condition. There was gentrification of the mind, an internal replacement that alienated people from the concrete processo of social and artistic change. (SCHULMAN, 2012, pp. 14-15)⁵

Schulman destaca dois elementos centrais desse processo que, a seu ver, tiveram um profundo impacto sobre as comunidades LGBT norte-americanas, especialmente a nova-iorquina: a gentrificação literal das cidades – e a conseqüente gentrificação e dissolução das comunidades gays urbanas – e as conseqüências inexploradas da Aids, com a perda da memória dos anos inaugurais e subseqüentes da epidemia, a morte de boa parte dos membros mais antigos das comunidades e a subseqüente ocupação de suas moradias por habitantes mais abastados, em geral provenientes dos subúrbios norte-americanos.

Assim, de certa forma, a experiência da Aids enquanto tragédia coletiva foi também, por sua vez, *gentrificada*, na medida em que as suas implicações e conseqüências

⁵ Para mim, a experiência literal da gentrificação é um processo concreto de substituição. Fisicamente, é um fenômeno urbano de remoção, dos bairros mais centrais das cidades, de comunidades de diversas classes, raças, sexualidades, linguagens e perspectivas, e sua substituição por grupos mais homogeneizados. Com isso vem a destruição de culturas e de relações, e esta destruição tem profundas conseqüências para as vidas futuras da cidade

Mas no caso da minha questão em particular, enquanto a gentrificação literal era muito importante para aquilo que eu estava observando, havia também uma gentrificação espiritual que estava afetando as pessoas que não tinham direitos. Que não eram representadas. Que não tinham poder sobre ou mesmo consciência da realidade de sua própria condição. Havia uma gentrificação da mente, um processo interno que alienava as pessoas do processo concreto de mudança artística e social. (SCHULMAN, 2012, pp. 14-15)Tradução livre.

políticas, sociais e culturais foram esquecidas, integradas e banalizadas. Outro aspecto sintomático desse processo, denunciado por Schulman, é a gentrificação do ativismo gay, a *gentrificação da política*, manifestada no estreitamento do foco da luta política, atualmente centrado quase que exclusivamente na questão do casamento.

Para Schulman, enfim, a gentrificação do espírito faz parte de um processo, ou melhor, de um retrocesso intelectual, cultural, social e político mais amplo, no interior do qual o potencial transformador das experiências *queer* vem sendo gradativamente esvaziado em um movimento de integração e de apagamento das diferenças.

Para além da gentrificação: mais do mesmo ou novas possibilidades?

A gentrificação do ‘queer’ pode ser pensada como mais um exemplo do retorno da história como farsa. Pensávamos que a crítica e as resistências às formas identitárias de subjetividade produzidas no dispositivo da sexualidade poderia levar à criação de novas formas relacionais e afetivas. Descobrimos, ao invés, que a dissolução dessas fronteiras, na medida em que ela se dá ainda no interior das mesmas instituições de sempre, corre o risco de produzir novas e mais abrangentes formas de igualdade e de conformidade.

Recentemente, foram lançados pelo menos dois livros cujos títulos anunciam “o fim do homossexual” e “o fim do gay” : *The End of the Homossexual?* , de Dennis Altman, *The End of Gay; (And the Death of Heterosexuality)*, de Bert Archer.

O primeiro, escrito pelo acadêmico e ativista *queer* Dennis Altman, retoma o título do quarto capítulo do livro pioneiro do mesmo autor, lançado em 1971 e intitulado *Homosexual: Oppression and Liberation*. O livro de 1971 cobria o período entre as revoltas de Stonewall em 1969 e a expansão do movimento de liberação gay das décadas de 70 e 80. Nesse livro, Altman anunciava a constituição de uma “identidade gay” na medida em que os homossexuais “se assumiam” e buscavam criar redes de comunidade e de solidariedade em um universo definido pelos espaços queer. Todavia, na medida em que a conquista desses espaços se firmava, e a opressão se transformava em aceitação, Altman argumentava ainda em 1971 que essa forma distinta de identidade iria desaparecer. À medida em que a homossexualidade tornava-se aceita

pela sociedade, a sexualidade deixaria de constituir uma forma de identidade. Passados 40 anos, Altman retomou essa tese no novo livro, indagando se o fim da homossexualidade estaria próximo.

Ele observa que, efetivamente, as últimas décadas apresentaram enormes progressos no sentido da conquista de visibilidade e de direitos, mas também que, apesar desses progressos, existe hoje uma crescente “polarização”, não apenas em termos do binômio tolerância/opressão, mas também no interior da própria comunidade e dos movimentos queer. Essa polarização remete a uma divisão entre os “liberacionistas gay”, que lutam pela quebra das normas sociais, e os ativistas “mainstream”, que trabalham em prol das reformas legislativas – especialmente nas campanhas pelo direito ao casamento - e dos ideias de “igualdade”. Para além dessas tensões que atravessam os movimentos contemporâneos, Altman aposta em uma crescente dissolução das fronteiras, das regras e dos estigmas ligados a sexualidade e ao gênero, resultando em mudanças que estariam mais de acordo com as propostas da liberação gay no sentido da criação de alternativas à normatização. (ALTMAN, 2013, APUD COPLAND, 2013)

Já o livro de Archer propõe uma versão um tanto mais ingênua de uma tese semelhante, afirmando simplesmente que, à medida em que a cultura gay torna-se cada vez mais “mainstream”, a questão de uma identidade gay perderá a relevância e a noção correspondente de “heterossexualidade” também deixará de ter sentido,

A questão é, o que entrará no lugar disso. O que seria um mundo destituído das formas de sexualidade forjada pelo velho dispositivo? Segundo Archer, um mundo de “aceitação do sexo como uma das muitas partes da vida, que também inclui o amor, o lazer, a família e a amizade e que, “desfrutadas expansiva e intensamente sem fronteiras impostas por ninguém a não ser você mesmo, leva o mais diretamente possível à finalidade última da vida, que é a felicidade.” (ARCHER, 2014, pg.2).

Em suma, o melhor dos mundos – dependendo da perspectiva.

Mas parece que ainda estamos muito longe disso, ou vai ver, erramos o caminho. Qual é o panorama, hoje?

Se o homossexual de meados do século XX era um personagem que habitava o submundo, os romances da chamada “baixa literatura” e as páginas dos compêndios de ciência sexual, o gay ou a lésbica de hoje é personagem de presença obrigatória na mídia, nas novelas da Globo e nos reality shows. Já se sabe que ele/ela não deve ser excluído, mas “tolerado”; que é no fundo uma boa pessoa; que a comunidade LGBT representa uma parcela expressiva de consumidores em potencial; que tudo o que eles/elas desejam é poder “ser como os outros”, constituir sua família, criar os seus filhos e reciclar o lixo como convém. O *Poço da Solidão* cedeu lugar a uma nova leva de romances lésbicos narrando os amores entre as garotas mais populares da escola. Os bares gays, de saudosa memória para alguns - com suas instalações precárias, ótimas músicas, shows de travestis e quartinho escuro – vem sendo substituídos pelas festas pontuais em locais “inclusivos” ou “simpatizantes”. Os gays quase não diferem em aparência e postura dos heteros, e surge a interessante figura da “lésbica Pat” ou “patricianha”.

Esse é o universo do “novo adolescente gay” de Slevon-Williams, e da normatização do queer – basta lembrar a pioneira série de TV *Queer Eye for the Straight Guy*.

A recente concentração do foco das lutas políticas do ativismo LGBT em torno da questão do casamento é citado por Schlman, conforme mencionado acima, como uma das manifestações da *gentrificação da política* que assola o universo queer.

A gentrificação territorial dos centros urbanos, segundo Smith, é frequentemente associada à promoção dos valores ideológicos do status quo”, entre eles o da família como valor:

Na mídia, a gentrificação tem sido apresentada como o maior símbolo do amplo processo de renovação urbana que vem ocorrendo. (...) Quaisquer que sejam as reais forças econômicas, sociais e políticas que pavimentam o caminho para a gentrificação, e quaisquer que sejam os bancos e imobiliárias, governos e empreiteiros que estão por trás do processo, o fato é que a gentrificação aparece, à primeira vista, e especialmente nos EUA, como um maravilhoso testemunho dos valores do individualismo, da família, da oportunidade econômica e da dignidade do trabalho (o ganho pelo suor). Aparentemente, ao menos, a gentrificação pode ser tocada de forma a executar alguns dos acordes mais ressonantes de nosso piano ideológico. (SMITH, 2007, p.18)

Assim, sem deixar de valorizar a imensa importância das conquistas que vem sendo obtidas na esfera legislativa, não podemos deixar de perguntar qual é o seu custo, na medida em que as lutas por essas conquistas se dão no interior de um sistema jurídico inteiramente calcado nas noções tradicionais de identidade e de um indivíduo definido pela sua inserção nas formas sociais reconhecidas. Se temos uma ampliação na esfera dos direitos do indivíduo e de algumas formas da sua inclusão na sociedade, temos também uma proliferação das instâncias de controle e de normatização, que produzem uma certa homogeneização das diferenças – uma “gentrificação” - e, assim, um empobrecimento do seu potencial de crítica e de instauração de novas experiências do viver.

Em diversas instâncias dos últimos anos de sua produção, Foucault apontou o empobrecimento das possibilidades existenciais e afetivas em nossas sociedades, nas quais a legislação se fundamenta inteiramente na noção de cidadão ou de indivíduo.

Assim, por exemplo, em uma entrevista realizada em 1981, a propósito dos movimentos pelos direitos dos gays, e da então recente conquista do reconhecimento jurídico da união civil homossexual nos Países Baixos, Foucault afirma que, embora seja um exemplo interessante, representa apenas um primeiro passo, “já que se pede às pessoas que reproduzam o laço do casamento para que sua relação pessoal seja reconhecida, o avanço realizado é pouco significativo”. Segundo ele:

Vivemos em um mundo relacional consideravelmente empobrecido pelas instituições. A sociedade e as instituições que constituem sua ossatura limitaram a possibilidade de relações, porque um mundo relacional rico seria extremamente complicado de administrar. Devemos lutar contra esse empobrecimento do tecido relacional (...) Por que eu não adotaria um amigo 10 anos mais jovem do que eu? Ou mesmo 10 anos mais velho? Mais do que defender que os indivíduos tem direitos fundamentais e naturais, deveríamos tentar imaginar e criar um novo direito relacional que permitisse que todos os tipos possíveis de relações pudessem existir e que não fossem impedidas, bloqueadas ou anuladas por instituições empobrecidas do ponto de vista das relações. (FOUCAULT, 1994, p.310)

De um lado, temos então a assimilação, a normatização, a “tolerância” e a inclusão na esfera dos direitos – e seus efeitos de homogeneização e de gentrificação. Por outro lado, noticia-se regularmente um aumento assustador de manifestações homofóbicas, atribuídas frequentemente a um aumento da visibilidade de tais ocorrências, e a uma reação às conquistas políticas dos grupos LGBT. Recentemente, a Folha de São Paulo publicou uma série de reportagens sobre os ataques brutais a gays e lésbicas no centro

de São Paulo, com um quadro de “estratégias de segurança” adotadas pelos frequentadores da Rua Frei Caneca tais como andar sempre em grupos, evitar lugares abertos, evitar andar de mãos dadas e não dar “pinta”, pois “alguns trejeitos podem atrair a atenção dos criminosos”. (VALLONE, Folha de São Paulo, 09/02/2014)

O Relatório Anual de Assassinatos de Homossexuais (LGBT) no Brasil de 2013/2014, divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), chama atenção para uma situação assustadora:

O GGB, que há mais três décadas coleta informações sobre homofobia no Brasil denuncia a irresponsabilidade dos governos federal e estadual em garantir a segurança da comunidade LGBT: a cada 28 horas um homossexual brasileiro foi barbaramente assassinado em 2013, vítima da homofobia. Nunca antes na história desse país foram assassinados e cometidos tantos crimes homofóbicos. A falta de políticas públicas dirigidas às minorias sexuais mancha de sangue as mãos de nossas autoridades. E 2014 começa ainda mais sanguinário: só neste último Janeiro foram documentados 42 homicídios, um a cada 18 horas ⁶

A situação no exterior não é muito diferente, como mostram os relatos publicados sobre diversas cidades do mundo, inclusive aquelas consideradas verdadeiras “capitais da tolerância”, como Londres e Nova York. Em 2013, jornais nova-iorquinos publicaram diversas reportagens denunciando um aumento dos ataques a gays nas ruas da cidade. Nesse ano, segundo o Departamento de Polícia de Nova York, houve um aumento de mais de 50 por cento de número de casos em relação ao ano anterior, bem como um agravamento da natureza e da severidade dos ataques. Autoridades ligadas a organizações anti-violência levantaram a possibilidade de que a onda de ataques representaria uma reação aos avanços na conquista de direitos civis, como o casamento gay.

A gentrificação parece andar de mãos dadas com alguma forma de intensificação da violência e do controle, em suma, do poder; de sua visibilidade, do espraiamento das suas formas; é talvez mesmo uma dessas formas. A gentrificação implica em um refinamento - o termo inglês *gentry* tem a mesma raiz de *genteel*, que significa, segundo o dicionário Oxford, “cortês, refinado e respeitável, frequentemente de uma maneira ostensiva ou afetada”. Podemos pensar a gentrificação do espírito tematizada por Schulman não apenas como um embotamento no sentido de uma alienação, de uma diminuição do espírito, mas, positivamente, produtivamente, como uma espécie de

⁶ Site do Grupo Gay da Bahia em <http://homofobiamata.wordpress.com/>

“refinamento” do exercício do poder, que não é senão uma das formas de sua *intensificação*, segundo o sentido que Foucault , tal como aponta Nealon, gradativamente empresta ao termo: a *intensidade* como máxima saturação ou penetração em um campo, ao menor custo e com o máximo de eficácia. (NEALON, 2008, pg. 98)

Isso que toma hoje o lugar da velha homossexualidade é verdadeiramente um “novo paradigma”, ou será apenas mais uma torção e mesmo uma intensificação do dispositivo da sexualidade, a produção multiplicada de uma diversidade sexual “gentrificada” em que nada mais escapa aos discursos, às identidades e práticas regulamentadas e às apropriações por uma esfera cada vez mais ampliada, maleável e interconectada de técnicas e estratégias do poder?

A gentrificação do espírito, apontada por Schulman como um traço e uma tendência dos tempos atuais, não promove a criação de novas formas e de novos espaços do viver, e sim a substituição de antigas formas por um espaço cada vez mais homogêneos, asséptico, bem-pensante e destituídos de periculosidade. No lugar do antigo pé-sujo, os bairros “renovados” pelo processo territorial da gentrificação ostentam botequins franqueados. Trata-se em suma de um processo que produz aquilo que Zizek denominou como o Outro “descafeinado”:

Hoje encontramos no mercado uma série de produtos desprovidos de suas propriedades malignas: café sem cafeína, creme de leite sem gordura, cerveja sem álcool... E a lista não tem fim: o que dizer do sexo virtual, o sexo sem sexo; da doutrina de Colin Powell da guerra sem baixas (do nosso lado, é claro), uma guerra sem guerra; da redefinição contemporânea da política como a arte da administração competente, ou seja, a política sem política; ou mesmo do multiculturalismo tolerante de nossos dias, a experiência do Outro sem sua Alteridade (...). (ZIZEK, 2003, p.27)

A gentrificação do queer insere-se assim no quadro de forças assinaladas por Nealon como uma expansão sem precedentes dos mecanismos e das estratégias do biopoder, associado ao triunfo da “expansão sem limites da comodificação da vida cotidiana” tematizada por Zizek. (NEALON, 2008, p. 192) Para uma melhor compreensão desse quadro e um entendimento menos equivocado deste momento atual, Nealon nos convida a renovar a nossa leitura de Foucault, percebendo na obra mais tardia deste último, voltada para as estéticas da existência, um desdobramento e não uma ruptura

em relação aos seus momentos anteriores, particularmente no que concerne as pesquisas ligadas à genealogia do poder.

Essa retomada pode nos trazer algumas indicações não apenas para a compreensão dos aspectos totalizantes implicados na gentrificação do espírito apontada por Schulman, mas também para colocar em perspectiva o problema da formulação de alternativas. Um dos ganhos dessa tarefa, segundo Nealon, é uma apreciação mais nítida daquilo que representa o “problema” da resistência em Foucault. Longe de constituir um problema, no sentido de uma falta ou de uma impossibilidade, diz Nealon, em toda a obra de Foucault não se trata de outra coisa, na medida em que a resistência não se localiza “fora” do poder, e sim como parte inseparável das diversas modalidades e formas do seu exercício. Quanto mais pervasivas, polimorfas e includentes as formas de exercício de poder, tanto mais se multiplicam as formas, práticas e ocasiões de resistência:

(...) In practice, I think it's a much larger political scandal and provocation to insist that “resistance is everywhere” in Foucault than it is to say that “domination is everywhere” (...) The difficulty surrounding the question of resistance for Foucauldian social theory is not how to refine techniques for mining this scarce thing called resistance from underneath the encrusted surface of totalized power, but rather the question concerns ways to mobilize, focus or intensify practices of resistance, insofar as they're already all over the place. (NEALON, 2008, p. 234) ⁷

Esse fenômeno que discutimos aqui sob a forma da “gentrificação do queer”, aponta enfim para algumas das questões que o presente nos coloca, no que concerne algumas linhas de força dentre as práticas, as estratégias e as lutas de poder tal como elas vem se exercendo em nossas sociedades. Aponta, sobretudo, para a relação entre a gentrificação e a intensificação dessas práticas e estratégias, no sentido do espraiamento, da multiplicação de suas formas, da capilarização de seus modos de circulação e do seu alcance.

Bibliografia

⁷ (...) Na prática, considero que há mais provocação e escândalo políticos em insistir que “a resistência está em toda parte” em Foucault do que em dizer que “a dominação está em toda parte (...) A dificuldade em torno da questão da resistência para a teoria social foucaultiana não está no refinamento de técnicas para extrair essa coisa rara chamada resistência, de dentro das superfícies incrustadas do poder totalitário, diferente disso a questão concerne os modos de mobilizar, focalizar e intensificar as práticas de resistência, na medida em que elas já estão por aí em todos os lugares. (NEALON, 2008, p. 234) Tradução livre.

ALTMAN, D. **The End of the Homosexual?** Queensland: University of Queensland Press, 2013.

ARCHER, B. **The End of Gay; (And the Death of Heterosexuality)**. London: Fusion Press, 2012

CASTELLS, M. **The City and The Grassroots: A Cross-Cultural Theory of Urban Social Movements**. Berkeley: University of California Press, 1983

COPLAND, S. The end of the homosexual or the rebirth of gay liberation: Dennis Altman's *The End of the Homosexual?* In **Crickey**, 09/08/2013. <http://blogs.crikey.com.au/liticism/2013/08/09/dennis-altmans-the-end-of-the-homosexual/>

FLORIDA, R. **The Rise Cities and the Creative Class**, New York: Routledge, 2005.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Vol I. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Dits et Écrits**. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994.

LOWDER, J.B. "Why Homosexual is not a bad word". **Slate Magazine**, 24/03/2014. http://www.slate.com/blogs/outward/2014/03/24/the_decline_of_homosexual_why_the_new_york_times_story_is_wrong.html

NEALON, J.T. **Foucault Beyond Foucault – Power and its intensifications since 1984**. Stanford: Stanford University Press, 2008.

PETERS, J. S. "The Decline and Fall of the 'H' Word". **New York Times**, 21/03/2014, http://www.nytimes.com/2014/03/23/fashion/gays-lesbians-the-term-homosexual.html?_r=0

SCHULMAN, S. **The Gentrification of the Mind – Witness to a Lost Imagination** Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2012.

SMITH, N. Toward a Theory of Gentrification A Back to the City Movement by Capital, not People. In: **Journal of the American Planning Association**, 145:4, 1979, p; 538-548

SMITH, N. “Gentrificação a fronteira e a reestruturação do espaço urbano”. Trad. Sanfelici, D.M.. In **São Paulo, GEOUSP – Espaço e Tempo**. No. 21, 2007.

VALLONE, G. “Medo de Agressão faz gays andarem em grupos em SP”. **Folha de São Paulo** 09/02/2014. <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1409547-medo-de-agressao-faz-gays-andarem-em-grupo-em-sp.shtml>

ŽIŽEK, S. **The Puppet and the Dwarf: The Perverse Core of Christianity**. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.

ŽIŽEK, S. **Bem-Vindo ao Deserto do Real!** Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2003. Trad. Castanheira, P.C.